



Mídia Digital e Ciberativismo na Divulgação dos Fatos sobre a Reforma Agrária e o MST¹

Lucas MILHOMENS²

Olga TAVARES³

Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar os elementos que compõem a militância praticada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na esfera digital. Buscamos compreender como este Movimento Social – considerado por muitos especialistas o maior do Brasil –, exerce o ciberativismo, conceito de militância política feita pela rede mundial de computadores na Internet, bem como essa atuação interfere na divulgação dos fatos sobre a Reforma Agrária e o MST.

PALAVRAS-CHAVE: Ciberativismo; MST; Reforma Agrária; Sustentabilidade.

Introdução

O mundo iconográfico e imagético em que vivemos hoje, no qual as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) e seus processos comunicacionais de construção e formação de sentidos influenciam diretamente no mundo que é mostrado pelos veículos de comunicação, tem feito com que a maioria das representações sociopolíticas se utilizem, principalmente, da comunicação em rede (e digital) para poder agilizar com eficácia suas formas de mobilização.

A construção do imaginário popular promovido pelos veículos de comunicação, sobretudo os que utilizam os recursos audiovisuais em suas novas plataformas digitais, é profunda. Mais do que simplesmente informar o telespectador ou internauta, a produção midiática audiovisual molda e consolida a formação da opinião pública (seja ela nacional ou regional) de maneira eficaz. Muitas vezes utilizando mecanismos questionáveis e parciais, avessos ao debate democrático.

¹ Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba/PR, 2009.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB, email: milhomenslucas@yahoo.com.br

³ Professora-orientadora do PPGC-UFPB, doutora em Comunicação e Semiótica (PUCSP). email: olgatavares@cchla.ufpb.br



Um assunto de grande relevância social e potencial midiático significativo é o tema “Reforma Agrária”, cunhado ao longo dos anos e, mais recentemente, fazendo parte do cotidiano dos veículos de imprensa nacionais e regionais. A questão agrária desperta inúmeras reflexões de seus observadores e analistas. Frequentemente, a “grande mídia”, ou mídia de massa (representada por conglomerados de comunicação com interesses corporativos) enfoca, invariavelmente, o caráter negativo das ações de reforma agrária, tanto no âmbito do poder público como no que diz respeito aos atores sociais da questão (movimentos sociais organizados, entidades do campesinato, estudiosos e especialistas, ambientalistas etc.).

Levando em consideração a relevância deste tema: a reforma agrária e sua construção simbólica ocasionada pela mídia (com ênfase em seus recursos audiovisuais e tecnológicos), o cenário apresentado incita-nos a questionar: como a imprensa eletrônica trata a questão agrária no Brasil? Como a mídia se posiciona em relação ao tema? Tais perguntas norteiam o objeto de estudo aqui apresentado e serão seguidas por algumas reflexões que, neste ano, tem sido motivo de significativa divulgação na grande mídia, merecendo, inclusive, posicionamento público do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Gilmar Mendes, e do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, quanto às ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST.

Por isso, um ponto relevante a ser estudado é o papel que a comunicação de massa desempenha neste processo, cuja posição tem sido ideologizada pelos interesses de atores contrários ao atual modelo de reforma agrária proposto por parte do poder público federal e sociedade civil organizada. E o outro ponto relevante é a possibilidade de a comunicação em rede poder se confrontar com esses diversos aparelhos de poder e fazer-se instrumento de uma comunicação mais direta, mais franca e mais flexível.

A Mídia, a Reforma Agrária e o MST

A questão agrária – ou reforma agrária –, tal qual é apresentada quase que unanimemente pela mídia (nacional e regional) é desqualificada em suas partes e, conseqüentemente, em seu conjunto de ações. Os responsáveis por essa crítica atuam na confecção de um consenso sobre o tema, corroborando com o *status quo* consolidado há tempos na história social e política de formação da opinião pública no País. Isso, como



pondera o geógrafo Milton Santos, pode ser considerado como a “violência da informação”:

Um dos traços marcantes do atual período histórico é, pois, o papel verdadeiramente despótico da informação (...) Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades (...) o que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que chega às pessoas, como também às empresas e instituições hegemônicas, é, já, o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia. (SANTOS, 2003, p.38-39)

Essa identificação da contra-informação produzida pelas mídias alternativas⁴ que, por sua vez, utilizam a internet como ferramenta principal, é muito importante para as novas mobilizações sociopolíticas, econômicas e culturais. A rede mundial de computadores, espinha dorsal da chamada Cibercultura⁵, é responsável pela proliferação de inúmeros pontos de vista e articulações em rede, debatendo todos os temas que estão na pauta dos veículos de comunicação tradicionais e, por assim dizer, superando-os em profundidade, amplitude e interatividade.

O papel dos veículos de comunicação na construção do consenso (ou dissenso) e formatação crítica da opinião pública, as implicações desta construção na sociedade, seus efeitos e consequências são elementos que enriquecem este estudo, pois o tema Reforma Agrária e, principalmente MST, suscita uma espécie de resistência preconceituosa no tocante ao conceito de propriedade e de valores que se tem no país. Um exemplo notório de veículo de comunicação contrário à reforma agrária e ao MST é a Revista *Veja*⁶, maior publicação da Editora Abril:

Na última terça-feira, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) completou 25 anos. Mantendo a falsa bandeira de sua incansável luta pela

⁴ Mídias Alternativas são constituídas por toda e qualquer forma de comunicação que foge ao interesse mercadológico. Utilizando suporte de baixo custo, geralmente de abrangência segmentada, têm como exemplo as rádios comunitárias, os jornais sindicais, de entidades do terceiro setor e os movimentos sociais. Em sua maioria utilizam os recursos disponíveis na internet como sítios, boletins eletrônicos, vídeos, blogs, spots de web rádio dentre outros.

⁵ Conceito trabalhado por Pierre Lévy dentre outros teóricos onde as formas socioculturais contemporâneas advêm de uma relação de troca entre a sociedade, cultura e as novas tecnologias.

⁶ A *Veja* é uma revista semanal publicada pela Editora Abril. Com uma tiragem superior a um milhão de exemplares, *Veja* é a revista de maior circulação no Brasil e a quarta maior revista semanal do mundo.



reforma agrária, o MST conseguiu permanecer impune das ações criminosas que cometeu ao longo de sua existência. Há tempos que a organização não quer mais apenas um pedaço de terra - e sim toda a terra. Em reportagens realizadas ao longo dos anos, VEJA acompanhou o crescimento, a desmoralização e os crimes cometidos por essa organização que não possui sede fixa e nem estatuto. Em 19 de junho de 1985, VEJA registrou a confusão provocada pelo então presidente José Sarney ao anunciar seu Plano Nacional de Reforma Agrária. A revista afirmou que Sarney "atingiu um vespeiro que havia vinte anos não estava tão agitado". Naquela ocasião, 45 famílias invadiram, armadas de foices e facões, uma área de 1.300 hectares no Ceará. Assustados, os proprietários de terras passaram a armar seus funcionários com revólveres e espingardas. "A ordem é clara: atirar primeiro e perguntar depois", dizia a revista (...) As invasões e saques em bancos e delegacias promovidas por militantes do MST provocaram indignação no então presidente Fernando Henrique Cardoso. "Quando o MST entra num banco é igualzinho, igualzinho, a alguém que entrou num banco como assaltante", afirmou na edição de 3 de junho de 1998. Ainda em 1998, na edição de 7 de outubro, o líder dos sem-terra, Jaime Amorim, chegou admitir o uso da luta armada em algumas circunstâncias.(A.D.VEJA,23/01/09)

Semioticamente, podemos analisar as imagens publicadas nas reportagens feitas por este veículo e concluir sua intenção depreciativa e ideologicamente contrária ao Movimento. Na ilustração 01, encontramos uma capa com o título "A tática da baderna"⁷; e na ilustração 02, devidamente enquadrado na capa da Revista⁸, o rosto raivoso com um fundo vermelho-demoníaco de João Pedro Stédile, um dos líderes nacionais do MST.

⁷ Edição 1.648, de 10 de maio de 2000. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/100500/sumario.html>. Acesso em 29 de março de 2009.

⁸ Edição 1.549, de 03 de junho de 1998. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/030698/sumario.html>. Acesso em 29 de março de 2009.



Ilustração 1

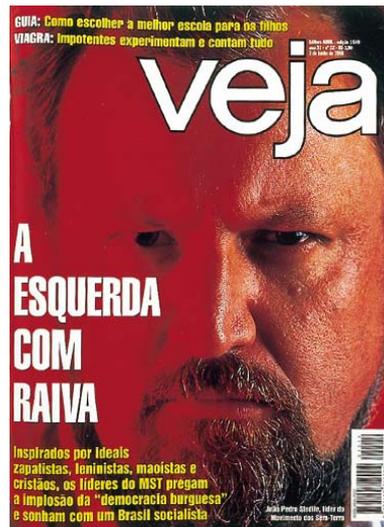


Ilustração 2

Elementos como estes fortalecem e explicam o porquê deste objeto de estudo, juntamente com suas possibilidades de análise crítico-midiática, avaliando os preconceitos, parcialidades e distorções – no que tange à reforma agrária e ao MST – provocadas pelo poder midiático massivo ou, como diz José Arbex Jr. (2001), de uma crítica pluralista aos “Engenheiros do Consenso”, conceito trabalhado por ele na obra *Showrnalismo – A notícia como espetáculo*:

Qualquer pessoa que se disponha a assumir uma postura crítica em relação à mídia e à cultura deve, necessariamente, manter a consciência de que ela própria, como alguém que participa do mundo, também é portadora de preconceitos e percepções mobilizados pelos “engenheiros do consenso”. Qualquer leitura crítica da mídia exige, antes de qualquer coisa, identificar os mecanismos utilizados por ela para reproduzir determinado efeito. Esse processo coloca em pauta, necessariamente, uma reflexão sobre seus próprios preconceitos. (ARBEX, 2001, p.269-270)

Faz-se mister entender como a mídia eletrônica/digital se estrutura – com seus elementos moduladores de produção, cognição, vinculação e distribuição –, fazendo um exame minucioso dos meios de comunicação relacionados a esta área (cada vez maior e abrangente), dissecar o que está por trás teórica e ideologicamente de um veículo midiático de abrangência nacional é um fator instigador, academicamente necessário. Compreender a mídia em sua diversidade, bem como o poder de influência dos veículos de comunicação de massa e das novas ferramentas digitais, utilizadas, em nosso caso, na feita jornalística, apreendidas para benefício (ou não) de pequenos grupos. Uma outra questão que se deve destacar é o desejo de compreender a importância da reforma agrária em um país como o Brasil, de estruturas continentais gigantescas, de disparidades tamanhas e de interesses paradoxais, cujos princípios e normativas rurais,



apesar de uma certa evolução democrática⁹, ainda deixam muito a desejar e pouco diferem praticamente do modelo feudal de capitanias hereditárias, ou no modelo imperial de casa grande e senzala. Os conflitos agrários – das Ligas Camponesas ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) –, nos quais a imprensa teve (e tem) papel crucial, precisam vir à luz para uma discussão maior que dirima visões preestabelecidas e imponha uma reflexão consensual. A mídia é um elemento decisivo em toda e qualquer sociedade moderna; ela constrói e desconstrói modelos (dentre eles os das questões agrárias e do MST) de acordo com necessidades outras, muitas vezes ignorando os interesses públicos. Sobre o tema, o jornalista, pesquisador e sociólogo Venício Lima aborda uma interessante posição em matéria publicada na Agência de Notícias Carta Maior:

A necessidade pública da diversidade de conteúdo não pode ser confundida com a quantidade de canais disponíveis. Diversidade significa a presença na mídia de diferentes visões e opiniões. Quando isso não acontece, num cenário em que a mídia é uma escola invisível que disputa com a escola real o espaço de representação do mundo, a coisa fica complicada (...).(in BARBOSA, 2004)

Outros fatores podem ser elencados na abordagem desta temática como, por exemplo, a escassez de material acadêmico sobre o tema, o que necessariamente instiga a mais estudos e pesquisas, bem como a percepção da resistência da mídia em refletir sobre as questões socioambientais brasileiras que também estão no cerne da discussão da reforma agrária e de alguns investimentos organizacionais do próprio MST. Esses assuntos sempre se convertem em matérias falaciosas e/ou apelativas. Ainda é limitada a cobertura da mídia (nacional e regional) sobre essas temáticas e ela se pronuncia mais abertamente apenas quando acontece algo que pode ser explorado espetacularmente (conflitos de terra, tragédias ambientais etc.). Muitas das devastações na Floresta Amazônica ou na Mata Atlântica são atribuídas a ações do MST ou das implantações dos assentamentos rurais, como as áreas de Cafundó, em Cachoeiro do Itapemirim (ES), e a Fazenda Araupel, em Quedas do Iguaçu (PR), como apontam Fábio Olmos e outros pesquisadores (2007).

Em relação à Reforma Agrária, especificamente, a cobertura da mídia fica muito a dever. Portanto, há alguns pontos que precisam ser destacados para que se introduza o

⁹ Neste caso referimo-nos ao Estatuto da Terra (Lei 4.504, de 30 de novembro de 1964), que dispõe sobre a regularização fundiária do país, como também suas ações de colonização e reforma agrária, um dos primeiros documentos expedidos pela Ditadura Militar.



assunto como pauta de pesquisa: quais os interesses na desqualificação ou qualificação do processo de reforma agrária pela mídia eletrônica/digital? Quem são os atores midiáticos que mais influenciam neste processo? Que discurso é construído pela imprensa tradicional¹⁰ sobre a temática? Como o próprio Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra constrói sua mídia para divulgar suas ações e responder às colocações dos veículos de comunicação, em geral, que fazem cobertura sobre Reforma Agrária?

Tentar compreender a realidade midiática e as relações socioculturais (a reforma agrária e seus atores) como fenômeno social contemporâneo demanda estudar o ciberespaço na sua natureza epistemológica, enquanto conjunto de veículos formadores de opinião na construção de um cotidiano histórico em determinado espaço (a internet) sobre determinado sujeito (a reforma agrária e o MST). Os referenciais teórico-metodológicos fundamentais para se aprofundar este estudo recaem na cibercultura, globalização ecológica, conhecimento sustentável e em como o fluxo comunicacional se relaciona com a sociedade do conhecimento e de como todos estes aspectos estão interconectados (econômica, política, cultural, social e tecnologicamente) com realidades aparentemente tão distantes como a reforma agrária.

Ciberativismo e o MST

A partir dos anos 90, uma nova forma de atuação política cresceu profundamente em todo o planeta, forma esta que só foi possível por conta do crescimento e popularização das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs), ocorrida nos últimos vinte anos. A junção da atuação política (ou militância) exercida na era digital, com todas as possibilidades advindas da cibercultura, gerou o termo que ficou conhecido como ciberativismo. Para André Lemos (2006), “a rede proporciona que vozes autônomas se pronunciem, sem passar por nenhum tipo de filtro. Nem partidos, nem editores, nada”. Neste sentido, a estrutura descentralizada da rede favorece os que têm pouco espaço na mídia convencional, historicamente excluídos:

O ciberespaço já é palco de diversas ações coletivas que buscam problematizar a geopolítica global e eletrônica. Comunidades virtuais ao redor do mundo mostram que formas de expressão política engajada (a partir de problemas

¹⁰ Entendemos como imprensa tradicional os grandes veículos de comunicação, impressos e televisivos, alguns deles utilizando, também, a plataforma digital.

globais e locais) surgem, são suportadas, e expandem-se na internet. Estas manifestações virtuais são chamadas de ciberativismo. Através de sites, blogs e/ou portais mobilizadores, pessoas, não necessariamente de um determinado espaço comum, podem organizar movimentos, difundir opinião e informação, agregar pessoas, promover ações físicas e eletrônicas, expressando seus descontentamentos em relação aos problemas cotidianos. Trata-se de utilizar as diversas ferramentas da Internet (fóruns, chats, websites, email) para difundir informação, reunir pessoas e propor idéias e ações. O ciberativismo busca mobilizar, informar e agir, tendo como suporte essencial para a sua luta as novas tecnologias do ciberespaço. Diversos grupos organizados usam portais para veicular informações relevantes às suas causas, mobilizam pessoas para uma ação em um determinado espaço público e agem de forma eletrônica em diversos protestos ao redor do mundo (...). É na rede, por exemplo, que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra procura ampliar a divulgação de sua ideologia. A página da organização tem o cuidado de evitar estrangeirismos. Palavras como *site* e *link*, comuns no ciberespaço, estão vetadas. São substituídas por *sítio* e *indicações*. Disponível em seis idiomas, além do português, a página do MST é considerada pelo professor da UFRJ, Henrique Antoun, o exemplo mais bem sucedido do ciberativismo no Brasil. João Paulo Rodrigues, integrante da direção nacional do movimento, diz que a página tem cerca de 2,5 mil acessos por dia, sem contar os e-mails cadastrados, que passam de 25 mil. (LEMOS, 2006)

A militância cibernética se tornou uma das grandes ferramentas do MST, possibilitando atuações em várias frentes e espaços, conquistando, além do seu público tradicional (trabalhadores rurais e pessoas do meio camponês), todos os interessados na luta pela Reforma Agrária, que se estende ao (des)território¹¹ de áreas urbanas e rurais, articulados pela virtualidade, volatilidade e pluralidade que são a essência da cultura digital. O ciberativismo possibilita ao MST uma articulação em rede, descentralizada e colaborativa. Seus militantes interagem com indivíduos do mundo inteiro propagando suas idéias, realizando ações e pautando a sociedade (direta e indiretamente). O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra se apropriou das ferramentas disponibilizadas por este novo mundo interconectado, informacional e interacional.

Muito dessas características se deve à estrutura horizontal da rede, que viabiliza ao Movimento a propagação de suas idéias sem o filtro coercitivo da mídia convencional, que, além da parca divulgação de suas ações, manipula negativamente as notícias relacionadas ao MST. Esta lógica descentralizada da Rede, como explica Sérgio Amadeu da Silveira (2008), é fundação basilar da internet, que acaba se comportando como um novo tipo de esfera pública:

(...) as redes digitais estão aprofundando as contradições do capitalismo cognitivo, ampliando os espaços democráticos da crítica, da criação cultural e

¹¹ Conceito trabalhado pelo geógrafo Milton Santos, o qual afirma que a territorialidade não está ligada apenas a questões espaciais, mas, sobretudo, culturais, econômicas e sociais.



da diversidade, bem como abrindo espaço para a emergência de uma esfera pública interconectada, com um potencial mais democrático que a esfera pública dominada pelos *mass media*. Nessa esfera virtual, de alta interatividade, o debate sobre a democratização das comunicações está sendo reconfigurado e deverá incorporar as idéias de espectro aberto e de cooperativas de conexão compartilhada. (PRETTO e SILVEIRA, 2008, p.31-50)

Por todas estas características, o ciberativismo praticado pelo MST – e consequentemente toda a discussão sobre a reforma agrária –, é singular no que tange a sua origem, a de trabalhadores rurais das regiões mais pobres do Brasil. É um fenômeno comunicacional que, apesar de ser atacado pela mídia tradicional de todos os lados, continua conquistando mais adeptos dentro e fora do país, apesar das constantes e fortes críticas que recebe. Sendo, *a priori*, o único movimento social brasileiro que consegue pautar a grande mídia cotidianamente (figura 3), elemento este que por si só já respaldaria uma pesquisa acadêmica aprofundada.

Ilustração 3 - Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u381310.shtml>> Acesso em 29 de março de 2009.

Mobilização Sustentável

Por todos estes fatores elencados anteriormente é que, em pleno século 21, o MST consegue tornar uma luta histórica e secular – a luta pela Reforma Agrária –, uma



bandeira viva na sociedade brasileira. O que não exclui as contradições do Movimento em suas ações político-ideológicas, mas que o credencia como protagonista das batalhas travadas nas inúmeras esferas públicas, que vão desde a luta pela terra, na ocupação de um latifúndio improdutivo, até os debates ideológicos acerca de um novo modelo de sociedade global, diferente do modelo capitalista/hegemônico predominante na contemporaneidade, como, por exemplo, nessa luta pela terra, pensar na função ambiental da propriedade de acordo com a legislação concernente e sob uma perspectiva de ambiência sustentável.

A atividade agrária é uma das mais nobres na história da humanidade. Ela é sinônimo de cuidado com a terra e relação com os alimentos ali semeados. Ela sempre reporta à reflexão sobre a sabedoria orgânica, que nutre corpo e espírito. Ela pressupõe a participação coletiva e uma consciência mobilizadora do uso racional da terra. Contudo, a reforma agrária tem sido sinônimo de violência e terror na mídia nacional, que sempre se reporta a histórias trazidas das conquistas territoriais sanguinolentas e abusivas de um passado déspota e injusto.

Para combater essa visão, o MST adotou uma nova forma de mobilização política na Era da Sociedade em Rede, onde, além da atuação presencial e massificada (necessárias, principalmente no mundo rural brasileiro), apropria-se das novas ferramentas tecnológicas (NTICs), para praticar a militância política no ciberespaço ou a praticar o que é conhecido como ciberativismo.

Na sua página na Internet – www.mst.org.br -, o movimento apresenta a sua visão das suas próprias ações e discute as visões de outros olhares. Também divulga suas revistas que trazem artigos com reflexões bem fundamentadas sobre todos os motivos que impulsionam seus partidários a lutar pelo direito à terra e a combater o preconceito, as distorções e o negativismo. E nelas ainda destaca a importância de privilegiar a convivência sustentável entre os indivíduos (Ilustração 4).

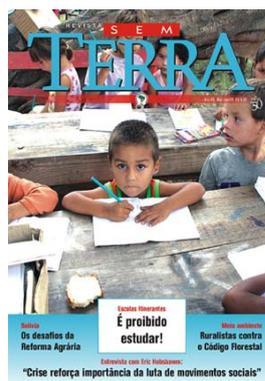




Ilustração 4: Disponível em:<<http://www.mst.org.br>> Acesso diário.

A implantação de fato da Reforma Agrária pressupõe, conforme prega o MST, uma melhor distribuição socioeconômica da sociedade brasileira, no sentido de os indivíduos aprenderem a conviver mutuamente na construção de um novo país (e de um novo planeta). Para o MST, a transformação social está no cerne dessas lutas. Como indaga Débora Nunes, da coordenação de Alagoas, “Por qual reforma agrária lutamos?” (MSTonline, 10/6/09). E ela responde:

O próprio rumo que a Reforma Agrária foi tomando começou a exigir do conjunto do Movimento repensar, reconstruir e rediscutir sua prática, sua forma de organizar, de ver o assentamento, de ver o conjunto da sociedade. A luta extrapolou os limites da terra, e ampliou-se para a necessidade da luta pela transformação da sociedade. Isso fez o Movimento deixar de olhar somente para o campo, mas passar a olhar para o todo da sociedade. Até porque entendemos que a luta pela Reforma Agrária acontece no campo, mas precisa ser uma luta do conjunto da sociedade. Com esta mudança de entendimento, exigiu-se um novo olhar, uma nova prática também dos militantes. De compreender a dinâmica da sociedade, do conjunto dos problemas...

Conforme aponta Máira Baugarten (2008, p.55), “a procura por conhecimento é parte constituinte da estratégia de sobrevivência da espécie humana”, o que implica condicionar a “situação concreta de cada sociedade, pela sua prática de vida, sua cultura, suas técnicas, suas ideologias”. Desta forma, o MST procura orientar a divulgação das suas ações e propostas pautado no princípio de elaborar esse conhecimento com base nessa compreensão da realidade sociopolítica e cultural brasileira, com a qual o movimento interage, posiciona-se e cria possibilidades de mudanças (Ilustração 5).



Ilustração 5: Disponível em: <<http://www.mst.org.br>> Acesso diário.

Conclusão

Navegando pelas páginas do MST online, percebe-se uma dicotomia entre o noticiário sobre o movimento que sai nos veículos de comunicação e o movimento em si, reportado por seus membros. Dá para notar que a mídia cotidiana tem, efetivamente, um olhar enviesado e pouco dialógico com as ações dos Sem Terra brasileiros. Por isso mesmo, a sua página na Internet é uma das mais conceituadas porque privilegia um noticiário franco e simples com o usuário, além de artigos, revistas, livros etc.. O entendimento da reforma agrária, no Brasil, passa obrigatoriamente pelo fluxo informacional com o MST, haja vista ser o movimento aquele que está à frente das propostas de mudanças efetivas nas relações socioeconômicas e políticas neste país, tentando “construir uma nova sociedade: igualitária, solidária, humanista e ecologicamente sustentável”, como dita o seu projeto de Reforma Agrária Popular (MSTonline, 20/5/2009).



Há uma “ética do conhecimento e da responsabilidade” , como preconiza Morin (2007, p.120), na página do MST, em virtude da necessidade de o movimento divulgar as suas ações sem as amarras das pressões limitadoras dos veículos de comunicação. A página reúne informação e conhecimento, elementos que, neste contexto da socialização dos saberes, são importantes para dirimir dúvidas, esclarecer as questões tais quais estão sendo discutidas e tentar agregar reflexões críticas à causa, que tem um longo caminho a percorrer para igualmente conquistar as manchetes da mídia nacional de forma mais equânime e dialógica.

REFERÊNCIAS

ACERVO DIGITAL VEJA. **Os 25 anos do MST: invasões, badernas e desafio à lei.** [online] Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/25-anos-mst-invasoes-badernas-desafio-lei-417144.shtml>>. Acesso em 29 de março de 2009.

ARBEX, J.. **Showrnlismo: a notícia como espetáculo.** São Paulo: Casa Amarela, 2001.

BARBOSA, Bia. “**Escola é ponto de partida para democratização da mídia**” in *Agencia Carta Maior*. Disponível em <www.agenciartamajor.com.br> , julho de 2004. Acesso em 20 de março de 2009.

BAUMGARTEN, M. **Conhecimento e sustentabilidade.** Porto Alegre:EDUFRGS/Ed. Sulinas, 2008.

FERNANDES, B. M. & STEDILE, J. P. **Brava Gente – A trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil.** São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

LEMOS, A. **Ciberativismo.** [online] Disponível em <<http://ciberculturanojornalismo.blogspot.com/2006/06/ciberativismo.html>>. Acesso em 29 de março de 2009.

LEMOS, A. L. M. (Org.) ; BARBOSA, M. (Org.) ; BERGER, C. (Org.) . **Narrativas midiáticas contemporâneas.** Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. v. 1.

LIMA, V. A. **Mídia: teoria e política.** São Paulo: Editora da Fundação Perseu Abramo, 2001.

MORIN, E.. **Ciência com consciência.** 10ª ed. Rio de Janeiro:Bertrand Brasil, 2007.

MSTonline. Disponível em: <<http://www.mst.org.br>> Acesso diário.

OLMOS, F. et all. **Assentamentos da reforma agrária, meio ambiente e unidades de conservação.** Disponível em:<arruda.rits.org.br/oeco/reading/oeco/reading/pdf/msc_olmos_mst.pdf -> , 2007. Acesso em 30 de maio de 2009.



PRETTO, N. De Luca e SILVEIRA, S. A. (org.) **Além das redes de colaboração**: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização** - do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.